

# NA ESCOLA DE *Garabandal*



## **O TESOURO ESCONDIDO E O APELO DE GARABANDAL: QUANDO ENCONTRAR DEUS EXIGE VENDER TUDO**

*Veni + PAX*

*Ave Maria, Regina Pacis*

*uma leitura espiritual do XVII Domingo do Tempo Comum  
relacionada à Espiritualidade de Garabandal*

A Liturgia deste XVII Domingo do Tempo Comum, celebrado em 26 de julho de 2026, coloca-nos diante de uma pergunta decisiva: o que, afinal, possui valor suficiente para que lhe entreguemos a vida inteira? Salomão, ainda jovem e consciente da desproporção entre sua fragilidade e a missão que lhe fora confiada, não pede longevidade, riqueza, triunfo político ou a destruição de seus adversários; pede um coração capaz de escutar, discernir e governar segundo a vontade de Deus.

O salmista proclama que a Lei do Senhor vale mais do que milhares de moedas de ouro e prata. São Paulo recorda que Deus conduz todas as coisas para o bem daqueles que o amam. Finalmente, no Evangelho, Jesus compara o Reino dos Céus a um tesouro escondido no campo, a

uma pérola de grande valor e a uma rede lançada ao mar, que recolhe toda espécie de peixes e exige, ao final, uma separação. A unidade interior dessas leituras é evidente: a verdadeira sabedoria consiste em reconhecer o valor incomparável do Reino, escolhê-lo acima de tudo e permitir que essa escolha reorganize radicalmente a existência. As leituras deste domingo são IRs 3,5.7-12; Rm 8,28-30 e Mt 13,44-52.

É precisamente nesse horizonte que as mensagens de Nossa Senhora do Carmo em Garabandal podem ser espiritualmente compreendidas. Uma autêntica espiritualidade de Garabandal não deve ser construída sobre curiosidades, cálculos proféticos ou pretensões de antecipar acontecimentos futuros, mas sobre aquilo que pode ser acolhido em plena comunhão eclesial: o chamado à conversão, à oração, à penitência, à reverência diante da Eucaristia e à santificação da vida.

O Evangelho começa com a imagem de um homem que encontra um tesouro escondido. O texto não afirma que ele estava procurando o tesouro; apenas diz que o encontrou. Diante daquela descoberta, porém, sua vida deixa de poder continuar como antes. Ele torna a esconder o tesouro e, “cheio de alegria”, vende tudo o que possui para comprar o campo. A alegria não elimina a renúncia; ao contrário, torna-a possível. O homem não vende tudo movido pelo desprezo das coisas criadas, por uma pulsão de morte ou por uma espiritualidade amarga. Ele vende porque encontrou algo infinitamente maior.

O cristianismo autêntico não começa com a proibição, mas com a descoberta; não começa com o “não podes”, mas com o assombro diante de um amor pelo qual vale a pena abandonar tudo. A grande crise espiritual do nosso tempo talvez não seja simplesmente a incapacidade de renunciar, mas a incapacidade de perceber o tesouro. Quando Cristo deixa de ser reconhecido como o Bem absoluto, qualquer renúncia parece absurda, a penitência torna-se insuportável, a castidade parece repressão, a obediência parece servidão e a adoração parece perda de tempo. Mas quando se encontra verdadeiramente Jesus Cristo, aquilo que antes parecia perda passa a ser liberdade, e aquilo que parecia sacrifício passa a ser resposta de amor.

A primeira mensagem tornada pública em Garabandal, em 18 de outubro de 1961, contém um apelo simples e exigente: fazer sacrifícios, realizar penitência, visitar frequentemente o Santíssimo Sacramento e, antes de tudo, viver uma vida boa. Essa sequência é teologicamente significativa. A penitência não aparece como espetáculo ascético, nem como tentativa de comprar

o favor de Deus. Ela está subordinada à conversão real da existência: “antes de tudo”, é necessário viver bem.

Não basta acumular práticas devocionais enquanto se conserva conscientemente uma vida contrária ao Evangelho; não basta visitar o sacrário e permanecer voluntariamente prisioneiro do ressentimento; não basta rezar o Rosário e continuar ferindo a reputação do próximo; não basta falar das mensagens de Maria e recusar a reconciliação, a humildade, a justiça e a caridade. O tesouro escondido exige a compra do campo inteiro. Não se pode possuir o tesouro sem permitir que Cristo tome posse do coração, dos afetos, das escolhas, do uso do tempo, do corpo, da palavra, das relações e dos bens. Garabandal, lido à luz do Evangelho, não é um convite a acrescentar algumas devoções a uma vida que continua pertencendo ao mundo; é um apelo para que a vida inteira seja reorganizada em torno do único Tesouro.

Nesse sentido, a primeira leitura apresenta a chave para compreender a verdadeira mensagem mariana. Salomão pede um “coração que escuta”. Na linguagem bíblica, o coração não é apenas a sede dos sentimentos, mas o centro pessoal das decisões, da inteligência, da memória, da vontade e da relação com Deus. A sabedoria pedida por Salomão não é mera capacidade intelectual: é a graça de distinguir o bem do mal e de escolher o que corresponde ao desígnio divino. Também em Garabandal, o problema fundamental não é saber mais coisas sobre o futuro, mas adquirir um coração capaz de ouvir Deus no presente.

Pode alguém conhecer todas as narrativas referentes ao Aviso, ao Milagre e ao Castigo e, ainda assim, continuar incapaz de pedir perdão, de dominar a língua, de cumprir honestamente seus deveres ou de permanecer quinze minutos em silêncio diante do sacrário. Nesse caso, possuirá informações, mas não sabedoria; conhecerá relatos extraordinários, mas não terá encontrado o tesouro. A Virgem não vem satisfazer a curiosidade religiosa: vem educar os filhos para a obediência da fé. A verdadeira pergunta não é: “Quando acontecerá?”, mas: “O que Deus espera hoje de mim?” A pessoa espiritualmente sábia não transforma profecias em fuga do presente; ela escuta a Palavra, examina a consciência, reconhece o pecado e começa imediatamente a conversão.

Essa perspectiva ajuda também a compreender uma das afirmações mais conhecidas da segunda mensagem de Garabandal, comunicada em 18 de junho de 1965: “Cada vez se dá menos importância à Eucaristia.” O diagnóstico é severo porque toca o centro da vida cristã. No Evangelho deste domingo, Cristo é o tesouro escondido e a pérola preciosa; na vida sacramental da Igreja, esse mesmo Cristo permanece real e substancialmente presente sob as espécies eucarísticas.

O tesouro não está somente escondido no campo do mundo; está sacramentalmente velado na pobreza do pão consagrado. A Eucaristia é o Tesouro escondido por excelência, porque nela a glória se cobre de humildade, a onipotência se reveste de fragilidade e o Criador se entrega silenciosamente às mãos de suas criaturas. Diminuir a importância da Eucaristia significa, portanto, perder a capacidade de reconhecer o valor do Reino. Significa entrar numa igreja sem perceber diante de quem se está; comungar sem preparação; abandonar a ação de graças; substituir a adoração pela agitação; tratar a Missa como obrigação social, apresentação musical ou ocasião de autoafirmação; receber o Corpo do Senhor sem desejo de conversão e sem consciência da grandeza do Mistério.

Segundo testemunhos ligados à espiritualidade de Garabandal, Conchita registrou que, ao receber a Comunhão, experimentava grande alegria por reconhecer a presença de Cristo e a proximidade materna de Maria. A importância dessa recordação não está no caráter sensível da experiência, mas na verdade teológica que ela manifesta: Maria conduz sempre a Jesus, e sua presença materna jamais ocupa o lugar do Filho.

A verdadeira devoção mariana é essencialmente eucarística porque o corpo que adoramos na Hóstia foi formado em seu seio; o sangue sacramentalmente oferecido no altar é o sangue recebido da Virgem; aquele que permanece no sacrário é o mesmo Verbo que habitou nove meses sob o seu coração. Quando Maria pede visitas ao Santíssimo, ela não chama a atenção para si, mas aponta para o Tesouro: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Por isso, o devoto de Garabandal não deveria ser reconhecido principalmente por falar sobre acontecimentos extraordinários, mas por amar a Santa Missa, preparar-se cuidadosamente para a Comunhão, prolongar a ação de graças, visitar Jesus no sacrário, reparar as irreverências e permanecer fiel à Eucaristia mesmo na aridez espiritual. A testemunha mais convincente de Garabandal será sempre uma vida transformada pela presença eucarística.

A parábola da pérola preciosa aprofunda ainda mais esse chamado. O negociante procura belas pérolas; quando encontra uma de valor incomparável, vende tudo para adquiri-la. Diferentemente do homem que encontra inesperadamente o tesouro, esse comerciante já estava em busca. Ele representa a alma inquieta, sedenta, que atravessa experiências, estudos, devoções e sofrimentos procurando aquilo que possa satisfazer definitivamente o coração. Contudo, a descoberta da pérola exige discernimento.

Há muitas “pérolas” oferecidas ao ser humano contemporâneo: prestígio, segurança, poder, reconhecimento, prazer, influência religiosa e até uma espécie de vaidade espiritual alimentada pelo desejo de possuir informações reservadas. A verdadeira sabedoria consiste em reconhecer que nenhuma dessas coisas pode ocupar o lugar de Cristo. O risco existe inclusive dentro da devoção: alguém pode interessar-se mais pelos segredos do que pelo Evangelho, mais pelas datas do que pela conversão, mais pelos fenômenos do que pela Eucaristia, mais pelo extraordinário do que pela caridade cotidiana. Nesse momento, a devoção deixa de conduzir à pérola preciosa e começa a competir com ela. Maria, porém, jamais retém o olhar sobre si mesma: toda a sua missão consiste em formar Cristo nos filhos e conduzi-los à plena adesão ao Filho.

A penitência pedida em Garabandal também encontra seu sentido nessa lógica do tesouro. Jesus diz que o homem “vende tudo”, e essa venda expressa a necessidade de libertar-se daquilo que impede a posse do Reino. Penitência não é desprezo pelo corpo nem punição neurótica de si mesmo; é participação livre e amorosa na Páscoa de Cristo, pela qual o homem velho é despojado e a nova criatura emerge.

Fazer penitência significa permitir que o amor custe alguma coisa. É renunciar a uma resposta agressiva; aceitar uma contrariedade sem murmurar; jejuar para educar os desejos; cumprir um dever escondido; oferecer uma dor; interromper um hábito pecaminoso; limitar o uso das telas; levantar-se para rezar quando o corpo prefere permanecer acomodado; visitar um enfermo; reparar uma injustiça; aproximar-se do sacramento da Reconciliação com sinceridade.

Mari Loli recordou que o núcleo da mensagem dirigida ao mundo era precisamente oração e penitência. A penitência cristã não é medo servil de um Deus irritado, mas resposta ao Amor desprezado. Quanto mais se contempla a pérola, mais se percebe a pobreza das falsas riquezas; quanto mais se ama Cristo, mais se deseja remover tudo aquilo que entristece o seu Coração.

A segunda leitura oferece uma importante proteção contra interpretações marcadas pelo medo. São Paulo afirma que “tudo concorre para o bem dos que amam a Deus”. Isso não significa que tudo o que acontece seja bom, nem que o pecado, o sofrimento e a violência sejam queridos por Deus. Significa que a providência divina é suficientemente poderosa para inserir até mesmo as feridas da história num caminho de redenção. A mensagem cristã não é uma ameaça sem esperança, mas um chamado urgente da misericórdia.

Quando a linguagem de Garabandal menciona a “taça que transborda” ou a necessidade de afastar o castigo pela conversão, ela deve ser lida à luz de toda a Revelação: Deus não tem prazer

na morte do pecador, mas deseja que ele se converta e viva. A advertência é uma forma da misericórdia porque revela a seriedade do pecado antes que o pecado produza todas as suas consequências. Uma mãe que vê o filho aproximar-se de um precipício não sussurra indiferentemente; ela grita porque ama. O apelo mariano, portanto, não pretende produzir pânico, mas despertar a liberdade. Seu objetivo não é paralisar o homem diante do futuro, mas conduzi-lo ao confessionário, ao altar, ao sacrário e à caridade.

A imagem final da rede, porém, impede que a misericórdia seja reduzida a permissividade. A rede recolhe peixes de toda espécie, mas, ao chegar à praia, ocorre uma separação. Jesus fala claramente do juízo e da responsabilidade moral. A vida caminha para um encontro definitivo com Deus, e nossas escolhas possuem peso eterno. O mesmo Senhor que é tesouro e pérola é também juiz; o mesmo Cristo que se esconde humildemente na Eucaristia virá em sua glória.

É nesse horizonte que se compreende a gravidade do apelo à conversão. Não se trata de uma espiritualidade sombria, mas de realismo evangélico. A misericórdia oferece tempo, graça, sacramentos, intercessão e contínuas oportunidades de retorno, mas não elimina a liberdade humana. A mensagem de Garabandal insiste na necessidade de mudar de vida justamente porque Deus leva a sério as nossas decisões. Não existe devoção autêntica sem conversão moral; não existe amor a Maria sem obediência aos mandamentos; não existe piedade eucarística verdadeira quando se escolhe permanecer deliberadamente numa vida de pecado grave.

As palavras relativas a cardeais, bispos e sacerdotes, presentes na segunda mensagem atribuída a Garabandal, devem ser recebidas com temor santo, sobriedade e espírito de reparação, nunca como licença para suspeitar, difamar ou julgar ministros concretos. A mensagem apresenta uma grave advertência sobre homens da Igreja que poderiam seguir um caminho de perdição e arrastar consigo outras almas. O fiel maduro não responde a isso com anticlericalismo devocional, mas com lágrimas, oração e sacrifício.

Mari Loli dedicou parte significativa de sua vida espiritual à oração e à imolação pelos sacerdotes. Quanto maior a dignidade do ministério recebido, maior também a responsabilidade diante de Deus. O sacerdote é chamado a colocar o Tesouro nas mãos do povo, a consagrar a Eucaristia, perdoar os pecados, anunciar a verdade e conduzir as almas ao Reino. Se ele perde o sentido do Tesouro, sua crise nunca permanece apenas privada; atinge aqueles que lhe foram confiados. Por isso, a resposta verdadeiramente mariana não é acusar os sacerdotes, mas sustentá-los: rezar por sua fidelidade, oferecer penitências, evitar a maledicência, colaborar com sua missão

e pedir que sejam homens de oração, de doutrina segura, de vida íntegra e de ardente amor eucarístico.

“Eu te dou um coração sábio e inteligente”, diz Deus a Salomão. Esse é também o dom que devemos pedir para interpretar corretamente os sinais e apelos espirituais. Um coração sábio sabe distinguir o essencial do secundário, a fé da curiosidade, a esperança do sensacionalismo, a vigilância cristã da ansiedade apocalíptica, a obediência eclesial da presunção privada.

O coração sábio não despreza as advertências maternas, mas as submete ao discernimento da Igreja; não apaga o fervor, mas o purifica; não transforma a prudência em indiferença, nem a devoção em fanatismo. Acima de tudo, compreende que nenhuma revelação privada acrescenta uma verdade necessária ao Evangelho de Cristo. Sua função legítima é recordar, em determinado momento histórico, aspectos da única Revelação já entregue à Igreja.

Nesse sentido, aquilo que há de espiritualmente fecundo em Garabandal repete o que a Liturgia proclama hoje: Deus é o Bem supremo; sua vontade vale mais do que o ouro; Cristo é o Tesouro pelo qual se deve vender tudo; a história caminha para um juízo; e a verdadeira inteligência consiste em ordenar a vida para a eternidade.

O XVII Domingo do Tempo Comum convida-nos, portanto, a uma decisão concreta. Não basta admirar o homem que vendeu tudo; é preciso perguntar o que nós ainda nos recusamos a vender. Talvez conservemos o campo da vaidade, da impureza, da autossuficiência, do ressentimento, da tibieza, da falta de perdão, da negligência eucarística ou da desobediência à vontade de Deus.

Queremos o tesouro, mas não queremos pagar o campo; desejamos a pérola, mas não queremos abrir mão das bijuterias; pedimos sabedoria, mas continuamos escolhendo aquilo que agrada aos sentidos. A mensagem de Garabandal, acolhida em sua dimensão penitencial e eucarística, retira-nos dessa ilusão. Maria não nos oferece um cristianismo decorativo. Ela nos conduz ao ponto em que a fé se torna decisão, a oração se torna conversão, a penitência se torna amor e a Eucaristia se torna o centro efetivo da existência.

Talvez a pergunta mais importante deste domingo seja muito simples: Jesus Cristo é realmente o meu tesouro? Se é o Tesouro, por que tantas vezes o sacrário permanece sozinho? Se é a Pérola preciosa, por que lhe oferecemos apenas as sobras do tempo? Se sua Palavra vale mais do que ouro e prata, por que negociamos seus mandamentos para conservar a aprovação do mundo?

Se tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, por que temos entregar-lhe inteiramente nossa vida? Garabandal ecoa como um chamado materno à coerência: visitar Jesus, reparar, fazer penitência, viver santamente e ajudar outros a reconhecê-lo. Não se trata de esperar acontecimentos extraordinários, mas de perceber que o maior dos milagres já se encontra diante de nós: o Filho de Deus permanece no sacrário, silencioso, pobre, escondido e disponível, esperando que alguém reconheça o Tesouro.

No fim, a resposta cristã às advertências do Céu não é o medo, mas a santidade. É uma boa confissão. É uma Comunhão recebida com fé. É uma visita silenciosa ao Santíssimo. É um sacrifício oferecido sem testemunhas. É uma oração perseverante pelos sacerdotes. É a reconciliação com aquele de quem nos afastamos. É a coragem de vender tudo o que nos impede de pertencer inteiramente a Deus.

A Virgem do Carmo, Mãe que traz o escapulário e aponta para o Filho, parece repetir a cada geração: não deixem passar o Tesouro; não troquem a eternidade por aquilo que perece; não permitam que a Eucaristia se torne secundária; não esperem amanhã para começar a viver bem.

A continuação aprofunda a dimensão eclesial, eucarística e penitencial da mensagem, conduzindo o artigo a uma conclusão mais vigorosa. O pedido de Salomão: “dá ao teu servo um coração compreensivo”, permite-nos avançar ainda mais na compreensão espiritual de Garabandal. O coração sábio não é simplesmente aquele que acumula conhecimentos, mas aquele que aprende a colocar-se no lugar correto diante de Deus. A sabedoria bíblica conduz à humildade, à escuta e à adoração.

Quanto mais o homem conhece verdadeiramente o Senhor, menos pretende dominá-lo, explicá-lo inteiramente ou submetê-lo às próprias expectativas. Por isso, a sabedoria encontra na Eucaristia sua expressão mais profunda: diante do Santíssimo Sacramento, a inteligência humana é chamada a reconhecer uma Presença que ultrapassa os sentidos; a liberdade é convidada a entregar-se; a vontade deixa de procurar apenas a si mesma; e o coração aprende a dizer: “Meu Senhor e meu Deus”.

Visitar frequentemente o Santíssimo, como pede a primeira mensagem atribuída a Nossa Senhora em Garabandal, não constitui uma prática acessória reservada a algumas almas especialmente devotas. É uma escola de sabedoria, porque diante da Hóstia consagrada aprendemos quem é Deus, quem somos nós e qual é o verdadeiro valor das coisas. A primeira mensagem,



divulgada em 18 de outubro de 1961, une explicitamente sacrifício, penitência, visitas ao Santíssimo e a exigência fundamental de viver uma vida moralmente boa.

Na presença eucarística, Deus não se impõe pela força, mas se oferece na humildade. Ele está verdadeiramente presente e, contudo, permanece escondido; possui toda a glória e, entretanto, aceita a pobreza das espécies sacramentais; governa o universo e, no entanto, permite ser conduzido pelas mãos do sacerdote, colocado no sacrário e levado aos enfermos.

A Eucaristia revela que a onipotência divina não é domínio arbitrário, mas capacidade infinita de amar, entregar-se e permanecer. Quando a mensagem de 1965 lamenta que se dê cada vez menos importância à Eucaristia, não denuncia apenas uma diminuição quantitativa das práticas religiosas. Denuncia uma crise de fé, uma deformação do olhar espiritual e uma inversão da escala de valores. O homem passa a considerar importante aquilo que produz visibilidade, emoção, lucro ou reconhecimento, enquanto o Deus escondido, silencioso e sacramentalmente presente é tratado como secundário.

Nesse sentido, o lamento de Garabandal encontra no Evangelho do tesouro escondido uma iluminação extraordinariamente profunda: a Eucaristia é o Tesouro, mas somente o coração sábio sabe reconhecê-lo sob a aparência da pobreza. A segunda mensagem atribuída a Garabandal, comunicada por Conchita em 18 de junho de 1965, contém precisamente essa advertência sobre a perda de importância da Eucaristia e chama à reparação, ao perdão sincero e à meditação da Paixão de Cristo.

Há, portanto, uma estreita relação entre a crise eucarística e a incapacidade de compreender o Reino dos Céus. Quando a Eucaristia deixa de ser o centro, inevitavelmente outras realidades ocupam o seu lugar. A comunidade pode continuar funcionando, realizar eventos, produzir atividades, organizar festas e multiplicar reuniões, mas perder o sentido da Presença. Pode existir movimento sem adoração, planejamento sem oração, eficiência sem unção, comunicação sem silêncio e pastoral sem contemplação.

O resultado é uma Igreja cansada porque tenta sustentar-se pelas próprias forças; uma comunidade agitada, mas interiormente vazia; ministros que falam de Deus sem permanecer suficientemente diante de Deus; fiéis que recebem a Comunhão, mas não permitem que a Comunhão transforme sua vida. Garabandal recorda que a renovação da Igreja não começará primeiramente por estratégias, estruturas ou técnicas, embora tudo isso tenha seu valor legítimo. A verdadeira renovação começará quando sacerdotes e fiéis voltarem a ajoelhar-se diante do Mistério,

quando a Santa Missa deixar de ser tratada como uma produção humana e quando o sacrário voltar a ser reconhecido como o coração vivo da comunidade.

A alegria do homem que encontra o tesouro ensina ainda que a renúncia cristã não é estéril. Ele vende tudo, mas vende “cheio de alegria”. A penitência cristã somente pode ser compreendida a partir dessa alegria pascal. Sem o tesouro, vender tudo seria loucura; sem o amor, o sacrifício seria opressão; sem a Ressurreição, a cruz seria apenas fracasso.

Maria não pede penitência para tornar seus filhos tristes, mas para libertá-los daquilo que os impede de possuir a verdadeira alegria. Muitas vezes, o que chamamos de felicidade é apenas dependência disfarçada: dependência da opinião dos outros, da necessidade de ser reconhecido, do consumo, do prazer imediato, da comodidade, da distração constante e do domínio sobre as pessoas. A penitência rompe essas cadeias. Ela devolve à alma a capacidade de escolher, de esperar, de suportar, de oferecer e de amar. O homem que não consegue renunciar a nada acaba sendo governado por tudo. O homem penitente, ao contrário, não é aquele que despreza os bens, mas aquele que aprendeu a não ser possuído por eles.

Por isso, uma espiritualidade inspirada em Garabandal deve recuperar a dimensão reparadora da vida cristã. Reparar significa unir-se ao amor de Cristo para responder à falta de amor do mundo. Não se trata de imaginar que o sacrifício humano complete alguma insuficiência do sacrifício redentor da Cruz, mas de permitir que a única oblação de Cristo alcance nossa liberdade e se prolongue existencialmente em nós.

]São Paulo exprime essa verdade quando apresenta a vida cristã como configuração ao Filho. Deus não apenas perdoa exteriormente; Ele deseja formar em nós a imagem de Jesus, para que os sentimentos, as decisões e os sofrimentos do discípulo sejam assumidos no movimento oblato do próprio Cristo. Assim, uma enfermidade oferecida, uma contrariedade suportada com paciência, um jejum realizado em segredo, uma humilhação acolhida sem vingança, uma hora de adoração, uma oração perseverante por um pecador e uma obra de caridade feita sem publicidade podem tornar-se verdadeiros atos de reparação. Não porque tenham valor isoladamente, mas porque são unidos ao sacrifício perfeito de Cristo.

A expressão “afastar a ira de Deus por nossos próprios esforços”, presente em traduções da segunda mensagem, precisa ser compreendida corretamente para não produzir uma teologia incompatível com o Evangelho. O ser humano não compra a misericórdia nem obriga Deus a perdoá-lo mediante uma quantidade suficiente de penitências.

A iniciativa da salvação pertence inteiramente à graça. É Deus quem primeiro procura, chama, perdoa, fortalece e oferece os meios de conversão. Contudo, a graça não destrói a liberdade; suscita uma resposta. Os “esforços” do homem são precisamente a cooperação da liberdade com a misericórdia que o precede. Pedir perdão com coração sincero, reparar o mal praticado, abandonar as ocasiões de pecado, confessar-se, mudar de comportamento e realizar obras dignas de conversão não são formas de adquirir o amor de Deus, mas manifestações de que esse amor foi finalmente acolhido. A própria mensagem associa a advertência à certeza de que Deus perdoa aquele que pede sinceramente o seu perdão.

Nesse ponto, a parábola da rede adquire especial gravidade. A rede lançada ao mar reúne peixes bons e maus, e a separação somente acontece ao final. A Igreja, enquanto peregrina na história, é santa pela presença de Cristo e pelos dons que recebeu, mas reúne pecadores que necessitam continuamente de purificação.

A paciência divina não significa aprovação do pecado. O tempo concedido ao homem é tempo de misericórdia e, justamente por isso, tempo de responsabilidade. Cada dia que Deus oferece constitui uma oportunidade de retornar. Cada Santa Missa celebrada, cada absolvição sacramental, cada chamada da consciência, cada sofrimento que desperta o coração e cada advertência materna de Maria manifesta que a porta ainda está aberta.

Todavia, o Evangelho não nos permite transformar a abertura da porta numa desculpa para adiar indefinidamente a conversão. A rede será recolhida; a história pessoal conhecerá seu termo; aquilo que agora fazemos ocultamente será colocado sob a luz da verdade. A mensagem de Garabandal é urgente porque a própria existência humana é urgente. Não sabemos quanto tempo teremos, quantas ocasiões de conversão ainda receberemos ou quantas vezes nosso coração será novamente tocado pela graça.

Essa urgência, no entanto, não deve produzir um cristianismo dominado pelo terror. O medo pode acordar a alma num primeiro momento, mas somente o amor é capaz de sustentá-la no caminho da santidade. Nossa Senhora é apresentada em Garabandal não como uma mensageira fria de desgraças, mas como Mãe profundamente preocupada com a salvação dos filhos.

Na segunda mensagem, a advertência é acompanhada pela afirmação de seu amor e de seu desejo de que os homens não se condenem. Essa dimensão materna é essencial. A severidade da mensagem nasce da profundidade do amor. Uma mãe verdadeira não permanece indiferente quando percebe que o filho destrói a própria vida; não chama de liberdade aquilo que o escraviza; não

confunde acolhimento com aprovação de tudo; não silencia diante do perigo para preservar uma aparência de tranquilidade. Ela adverte porque ama e continua amando mesmo quando sua advertência é rejeitada.

Entre as palavras mais densas da segunda mensagem está o convite: “Refleti sobre a Paixão de Jesus”. Nele se encontra o coração cristológico de toda autêntica devoção mariana. Maria não deseja deter seus filhos numa contemplação autorreferencial de suas aparições; ela os conduz ao Calvário. A Paixão é o lugar onde se manifesta simultaneamente a gravidade do pecado e a imensidão do amor. Quem contempla seriamente o Crucificado deixa de tratar o pecado como coisa banal, porque reconhece o preço da redenção; mas também deixa de desesperar, porque contempla até onde Deus foi para salvá-lo. Na Cruz, justiça e misericórdia não aparecem como forças concorrentes. A justiça revela a verdade sobre o mal, enquanto a misericórdia assume sobre si as consequências do mal para abrir um caminho de reconciliação.

Meditar a Paixão significa permitir que cada momento do sofrimento de Cristo ilumine nossa vida. No Getsêmani, somos confrontados com nossas resistências à vontade do Pai; na prisão de Jesus, com nossas covardias e traições; diante do Sinédrio, com nossas mentiras religiosas; na negação de Pedro, com nossa presunção e fragilidade; na flagelação, com os pecados cometidos contra a dignidade do corpo; na coroação de espinhos, com nosso orgulho e desejo de poder; no caminho do Calvário, com a necessidade de carregar a cruz; diante de Simão de Cirene, com a resistência em ajudar o próximo; diante das mulheres de Jerusalém, com a tentação de uma compaixão meramente sentimental; junto à Cruz, com a fidelidade de Maria; e no lado aberto do Salvador, com o nascimento sacramental da Igreja. A Paixão não deve ser apenas recordada, mas acolhida como espelho, juízo e medicina.

A contemplação da Paixão também nos ajuda a compreender por que a Eucaristia ocupa um lugar tão decisivo em Garabandal. A Missa não repete materialmente o sacrifício do Calvário, mas torna sacramentalmente presente a única oblação de Cristo. Aquele que adoramos na Hóstia é o Crucificado ressuscitado; aquele que se oferece no altar é o mesmo que entregou o corpo e derramou o sangue na Cruz; aquele que recebemos na Comunhão não é um símbolo distante, mas o Senhor vivo que nos incorpora à sua entrega filial. Assim, visitar o Santíssimo e refletir sobre a Paixão não são duas práticas separadas. O sacrário contém sacramentalmente aquele Coração que foi transpassado; a Hóstia consagrada coloca-nos diante do amor que se deixou quebrar para reunir os filhos dispersos.

O desprezo pela Eucaristia, portanto, não acontece somente quando alguém nega explicitamente a presença real. Pode acontecer também mediante a rotina, a irreverência, a pressa, a falta de preparação, a comunhão sem discernimento, o abandono da ação de graças e a ausência de correspondência moral. É possível confessar verbalmente a doutrina correta e, na prática, tratar o sacramento como algo comum, como acontece tantas vezes. É possível defender apaixonadamente a liturgia e conservar um coração incapaz de perdoar. É possível ajoelhar o corpo e manter a vontade erguida contra Deus. A verdadeira fé eucarística manifesta-se na transformação da vida. Quem recebe o Corpo entregue de Cristo deve tornar-se uma pessoa capaz de se entregar; quem recebe o Sangue derramado deve aprender a gastar a vida; quem participa do Pão partido deve deixar que o egoísmo seja partido; quem adora o Deus escondido deve abandonar a necessidade de aparecer.

A advertência relativa aos cardeais, bispos e sacerdotes constitui um dos elementos mais delicados da mensagem de 1965 e deve ser tratada com grande sobriedade. Ela não pode ser utilizada para alimentar campanhas de difamação, rebeldia contra a hierarquia, suspeitas generalizadas ou julgamentos temerários contra pessoas concretas. A própria Mari Loli, ao ser interrogada sobre aquilo que recordava das mensagens, destacou a obediência à Igreja e ao Papa, juntamente com a necessidade de rezar pelos sacerdotes. Essa atitude oferece o critério correto: quanto mais grave a advertência, maior deve ser a oração; quanto maior o risco de infidelidade, mais intensa deve ser a súplica pela santificação dos ministros; quanto mais dolorosas as crises eclesiais, mais profunda deve ser a comunhão.

A mensagem não autoriza o fiel a colocar-se como juiz soberano da Igreja, mas o chama a reconhecer a seriedade do ministério ordenado. O sacerdote não pertence a si mesmo. Suas palavras, decisões, exemplos e omissões afetam muitas almas. Ele pode tornar-se instrumento pelo qual multidões encontram o Tesouro ou obstáculo que obscurece sua presença. Quando celebra com fé, prega a verdade, acolhe os pecadores, permanece fiel à oração e se deixa consumir pelo serviço, torna visível a caridade do Bom Pastor. Quando banaliza o sagrado, busca a si mesmo, adapta o Evangelho ao espírito do mundo ou deixa morrer a vida interior, sua crise repercute sobre o povo. É justamente por isso que a resposta dos fiéis deve ser amorosa e reparadora. Mari Loli testemunhou a prática perseverante de rezar diariamente pela santificação dos sacerdotes.

Há uma forma pecaminosa de falar sobre os pecados dos sacerdotes: aquela que se alimenta da curiosidade, do prazer na queda alheia, da generalização injusta e do desejo de destruir. Mas existe também uma forma verdadeiramente eclesial de sofrer pelos pecados dos ministros: rezar, reparar, buscar os meios legítimos de proteção das vítimas, exigir responsabilidade segundo a

verdade e, ao mesmo tempo, não abandonar a fé na santidade do sacerdócio instituído por Cristo. A Igreja não é protegida pela negação de seus pecados, mas tampouco é renovada pelo ódio contra seus ministros. A reforma autêntica nasce dos santos, não dos acusadores; da penitência, não da maledicência; da verdade unida à caridade, não da cumplicidade nem da destruição.

Aos sacerdotes, a Liturgia e Garabandal dirigem uma pergunta particularmente exigente: qual é a pérola de grande valor pela qual entregamos a vida? O ministério pode lentamente transformar-se numa profissão, numa função administrativa ou numa identidade social. O sacerdote pode continuar realizando externamente seus deveres e, interiormente, perder o primeiro amor.

Pode cuidar do campo e esquecer o tesouro escondido dentro dele; celebrar para os outros e deixar de alimentar a própria alma; anunciar o Reino e viver dividido entre numerosos pequenos reinos pessoais. Por isso, o sacerdote necessita voltar continuamente ao sacrário, não apenas como ministro que abre a porta, prepara a exposição ou distribui a Comunhão, mas como discípulo pobre que precisa permanecer diante do Mestre. Antes de ser homem da comunidade, deve ser homem de Deus; antes de falar, precisa escutar; antes de conduzir, deve deixar-se conduzir; antes de oferecer Cristo ao povo, deve permitir que Cristo tome posse de seu coração.

A segunda mensagem afirma que, quando o perdão é pedido com coração sincero, Deus perdoa. Essa certeza deve ocupar o centro de qualquer leitura cristã de Garabandal. A advertência não termina na condenação, mas abre-se ao perdão. O coração sincero não é o coração perfeito, mas aquele que deixa de se esconder. É o coração de Davi diante do profeta Natã; o coração do publicano que não ousa levantar os olhos; o coração de Pedro depois de negar Jesus; o coração do filho pródigo que reconhece sua miséria e retorna. A sinceridade diante de Deus é o princípio da cura, porque o pecado prospera na mentira, na racionalização, na duplicidade e na recusa de assumir responsabilidade.

O sacramento da Reconciliação é o lugar privilegiado dessa sinceridade. Nele, o pecador não apresenta a Deus uma versão idealizada de si mesmo, mas expõe suas feridas à misericórdia. A confissão não humilha a dignidade humana; liberta-a da escravidão de ter de fingir inocência. Não é tribunal destinado a esmagar, mas juízo medicinal no qual a verdade é pronunciada para que a graça possa reconstruir. A espiritualidade de Garabandal perderia sua alma se produzisse apenas discursos sobre a conversão sem levar concretamente os fiéis ao confessionário. Não basta lamentar os pecados do mundo; cada um deve permitir que a luz alcance o próprio coração. É mais fácil falar

da corrupção da humanidade do que nomear a própria soberba, inveja, impureza, avareza, ira, preguiça espiritual e falta de caridade.

A rede do Evangelho recolhe peixes de toda espécie, mas a grande separação começa misteriosamente no interior de cada pessoa. Em nós existe trigo e joio, generosidade e egoísmo, desejo de Deus e resistência à graça. A conversão é o processo pelo qual permitimos que o Espírito Santo separe, purifique e ordene. O juízo futuro é antecipado sacramentalmente quando nos colocamos voluntariamente sob a luz da verdade. No confessionário, Deus julga para salvar; revela para curar; corta para libertar; corrige para reintegrar. Quem se acusa humildemente recebe misericórdia; quem se justifica obstinadamente fecha-se ao remédio.

Um dos maiores perigos em torno de Garabandal é deslocar toda a atenção para os acontecimentos profetizados e esquecer o conteúdo moral e sacramental das mensagens. O Aviso, o Milagre e o eventual Castigo tornam-se, para alguns, objetos de cálculo, especulação, comparação com notícias e ansiedade. Entretanto, mesmo nos testemunhos atribuídos às videntes, o sentido do Aviso é apresentado como iluminação da consciência, reconhecimento do bem omitido e do mal praticado, aproximação de Deus e pedido de perdão. Portanto, a atitude espiritualmente coerente não consiste em aguardar passivamente uma futura iluminação, mas em pedir agora que o Espírito Santo ilumine a consciência.

Aquele que realiza diariamente o exame de consciência, recebe com frequência o sacramento da Reconciliação, medita a Palavra de Deus e aceita as correções da Igreja já começa a viver aquilo que uma iluminação extraordinária teria por finalidade produzir: o conhecimento verdadeiro de si diante de Deus. Esperar o Aviso sem examinar a consciência seria contraditório. Falar do Milagre sem reconhecer o milagre cotidiano da Eucaristia seria incoerente. Temer um Castigo sem abandonar o pecado seria espiritualmente inútil. O tempo das mensagens é sempre o hoje da conversão. A graça não nos pede que dominemos o calendário de Deus, mas que lhe entreguemos o coração neste momento.

A curiosidade pergunta: “Quando acontecerá?”. A fé pergunta: “Como devo viver?”. A curiosidade deseja sinais externos; a fé pede olhos para reconhecer o sinal já oferecido em Cristo. A curiosidade procura informações que concedam sensação de segurança; a fé aceita caminhar na confiança. A curiosidade pode tornar-se uma forma de fuga, porque ocupa a mente com cenários futuros e evita a decisão concreta do presente. A fé, ao contrário, conduz à cozinha onde é necessário servir, ao enfermo que precisa de visita, ao inimigo que deve ser perdoado, ao sacrário onde Cristo



espera, ao confessional onde o orgulho deve ser deposto e à comunidade onde é preciso perseverar apesar das imperfeições.

Conchita, em uma carta escrita cinquenta anos depois da comunicação da segunda mensagem, voltou a insistir na necessidade de viver seu conteúdo, orientando a atenção para a oração, a Eucaristia, a penitência e uma vida conforme a vontade de Deus, em vez de reduzir Garabandal à curiosidade por acontecimentos futuros. Esta é uma chave decisiva para todo apostolado autêntico. Divulgar Garabandal não significa apenas narrar o que teria acontecido entre 1961 e 1965, mas ajudar o homem contemporâneo a visitar o Santíssimo, reconciliar-se com Deus, oferecer sacrifícios, meditar a Paixão, rezar pelos sacerdotes e viver com integridade.

A relação entre Garabandal e a Liturgia deste domingo não deve fazer com que a celebração litúrgica seja subordinada a uma revelação privada. O movimento correto é exatamente o inverso: a mensagem é iluminada e julgada pela Palavra de Deus proclamada na Liturgia. É a Escritura que possui primazia; é Cristo quem constitui o centro; é a Igreja quem discerne; é a Eucaristia celebrada que atualiza sacramentalmente a Páscoa. Garabandal somente pode ser espiritualmente fecundo quando conduz mais profundamente ao mistério já confiado à Igreja. Uma devoção que afastasse da Liturgia, diminuísse a autoridade eclesial ou se tornasse mais importante do que o Evangelho trairia a própria finalidade mariana.

Maria é a mulher litúrgica por excelência porque toda a sua existência foi oblação. No momento da Anunciação, ofereceu a vontade: “Faça-se em mim”; na Visitação, ofereceu o serviço; em Belém, ofereceu o Filho; em Nazaré, ofereceu os anos escondidos; em Caná, ofereceu sua intercessão; no Calvário, ofereceu o sofrimento materno; no Cenáculo, ofereceu sua oração junto à Igreja nascente. Ela não se colocou no centro, mas permaneceu inteiramente orientada para Deus. Por isso, toda espiritualidade verdadeiramente mariana conduz à Liturgia, onde a Igreja se une à oblação de Cristo e aprende a oferecer-se com Ele.

O homem do Evangelho compra o campo porque nele está o tesouro. De certo modo, a vida concreta é esse campo. Muitos procuram Deus fora da realidade que lhes foi confiada, mas o Tesouro frequentemente está escondido no cotidiano: nos deveres de estado, na fidelidade à vocação, na paciência com as pessoas próximas, na oração silenciosa, na Missa celebrada sem emoções extraordinárias, no sacrário de uma pequena capela e no sofrimento que ninguém percebe. Deus esconde sua glória no comum, assim como escondeu o Verbo na humanidade de Jesus e



esconde sua presença nas espécies eucarísticas. A sabedoria consiste em não desprezar o campo por causa de sua aparência modesta.

A sociedade contemporânea possui abundância de informações, mas sofre uma profunda escassez de sabedoria. Nunca se soube tanto sobre tantos assuntos e, ao mesmo tempo, nunca foi tão difícil discernir o verdadeiro bem. O homem conhece o funcionamento de estruturas complexas, mas já não compreende o sentido da própria vida; comunica-se instantaneamente com o mundo, mas permanece incapaz de encontrar silêncio interior; prolonga a existência biológica, mas não sabe para que vive; multiplica escolhas, mas enfraquece a capacidade de comprometer-se; proclama a autonomia, mas torna-se dependente do consumo, das telas, das opiniões e dos impulsos.

Salomão ensina que a primeira necessidade do governante e, por extensão, de todo ser humano é um coração que escute. Garabandal, por sua vez, chama a humanidade a interromper o ruído, visitar o Santíssimo, fazer penitência, meditar a Paixão e pedir perdão. São dois modos convergentes de afirmar que a salvação começa quando o homem deixa de considerar-se medida absoluta de todas as coisas. Um coração incapaz de escutar transforma a liberdade em tirania, o conhecimento em arrogância, a religião em instrumento de poder e os bens em ídolos. Um coração que escuta reconhece que a verdade o precede, que o bem não é inventado pela vontade e que a vida é dom recebido para ser oferecido.

A grande pobreza espiritual do nosso tempo talvez seja a perda da capacidade de adorar. O homem moderno consegue analisar, questionar, produzir, comprar e consumir, mas encontra dificuldade para ajoelhar-se. A adoração lhe parece passividade porque está acostumado a medir tudo pela utilidade. No entanto, é justamente adorando que a pessoa descobre sua verdadeira grandeza: não precisa ser Deus, controlar tudo ou justificar a própria existência. Pode simplesmente receber-se das mãos do Criador. Diante da Eucaristia, a alma deixa de representar papéis; não precisa demonstrar competência, força, santidade ou sucesso. Permanece pobre diante daquele que a conhece e ama inteiramente.

É dessa adoração que nasce a verdadeira transformação social. O homem que reconhece Cristo no altar começa a reconhecê-lo no pobre; aquele que contempla o Corpo entregue aprende a respeitar cada corpo humano; aquele que adora o Rei escondido perde o fascínio pelos poderes deste mundo; aquele que recebe o Pão partido torna-se sensível à fome do irmão; aquele que pede perdão torna-se capaz de perdoar. A Eucaristia não retira o cristão da história, mas purifica sua presença na história. Faz dele instrumento de reconciliação, justiça, verdade e paz.

Uma recordação atribuída a Conchita transmite uma imagem particularmente expressiva: diante de Deus, seria necessário apresentar as mãos cheias de obras realizadas pelos irmãos e para a glória divina, enquanto suas mãos ainda estavam vazias. Independentemente da forma como essa recordação seja avaliada historicamente, seu conteúdo encontra pleno eco no Evangelho. No fim da vida, não levaremos nossas curiosidades, prestígios ou posses, mas o amor com que respondemos à graça. As mãos que seguraram riquezas fechar-se-ão vazias; as mãos que serviram, consolaram, repartiram, perdoaram, adoraram e abençoaram serão encontradas cheias.

A Liturgia deste domingo pergunta qual tesouro estamos acumulando e qual pérola estamos buscando. Garabandal pergunta se estamos vivendo bem, visitando o Santíssimo, realizando penitência, reparando o pecado, pedindo perdão sinceramente, meditando a Paixão e rezando pelos sacerdotes. As duas perguntas se encontram numa só: Cristo possui verdadeiramente o primeiro lugar?

Não basta afirmar que Jesus é nosso tesouro; é necessário que a organização concreta da vida o demonstre. O tempo dedicado à oração, a frequência e a qualidade da participação na Eucaristia, a reverência diante do Santíssimo, o uso dos bens, a pureza das relações, o cuidado com os pobres, a fidelidade aos deveres, a obediência à Igreja e a disposição para perdoar revelam onde está efetivamente o coração. “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.” O coração sempre segue aquilo que considera valioso.

O apelo de Garabandal não deve ser recebido como uma mensagem destinada apenas ao mundo, aos pecadores distantes, aos governantes, aos sacerdotes infiéis ou a uma humanidade abstrata. Ele se dirige a mim. Sou eu quem precisa converter-se; sou eu quem deve visitar mais frequentemente o Santíssimo; sou eu quem necessita fazer penitência; sou eu quem precisa refletir sobre a Paixão; sou eu quem deve pedir perdão com coração sincero; sou eu quem precisa rezar pela santificação dos sacerdotes; sou eu quem deve vender tudo aquilo que me impede de possuir o Tesouro.

Talvez tenhamos transformado a conversão numa palavra ampla demais, aplicável a todos e a ninguém. Converter-se, porém, significa tomar decisões concretas. Significa marcar uma confissão adiada; interromper uma relação pecaminosa; devolver o que foi injustamente adquirido; pedir perdão a quem foi ferido; abandonar uma prática que ofende a dignidade; retomar a oração diária; reconciliar-se com a Igreja; retornar à Santa Missa; dedicar tempo à adoração; controlar a

língua; reparar uma calúnia; obedecer a um dever vocacional; aceitar uma cruz; servir alguém sem esperar recompensa. Sem essas escolhas, a conversão permanece apenas sentimento religioso.

Nossa Senhora do Carmo de Garabandal aparece, na narrativa das videntes, trazendo o Menino Jesus e o escapulário. Essa imagem resume o caminho: Maria traz Cristo e convida a revestir-se de Cristo. Ela não oferece um conhecimento separado do Filho, mas apresenta o Filho como único Salvador. O escapulário recorda pertença, proteção e compromisso; o Menino manifesta a proximidade de Deus; a maternidade de Maria revela que a conversão não acontece no abandono, mas sob o cuidado de uma Mãe.

Neste XVII Domingo do Tempo Comum, peçamos, portanto, não a riqueza de saber datas ou possuir respostas para todos os acontecimentos futuros, mas a sabedoria de reconhecer o Tesouro presente. Peçamos um coração que escute quando Deus fala pela Escritura, pela Liturgia, pelo Magistério, pela consciência bem formada, pelos acontecimentos, pelos pobres e pelos apelos maternos de Maria. Peçamos um coração que não confunda prudência com indiferença, nem fervor com fanatismo; que permaneça obediente à Igreja, ardente na oração, fiel à Eucaristia e atento aos sinais dos tempos.

Que a mensagem de Garabandal não permaneça apenas em nossos livros, vídeos, congressos e conversas. Que ela seja escrita na carne de nossa vida. Que cada visita ao Santíssimo seja uma resposta; cada penitência, um ato de amor; cada confissão, um retorno; cada Comunhão, uma entrega; cada oração pelos sacerdotes, uma obra de misericórdia; cada meditação da Paixão, uma escola de fidelidade.

Quando finalmente chegarmos à praia eterna e a rede de nossa existência for recolhida, talvez percebamos que o Tesouro esteve sempre próximo: escondido na Palavra proclamada, no sacrário silencioso, na absolvição sacramental, no rosto do irmão, na cruz cotidiana e no campo humilde de nossa própria vocação. Felizes seremos se, reconhecendo seu valor, tivermos vendido tudo o que era necessário para possuí-lo.

Então compreenderemos que, na verdade, não fomos nós que encontramos o Tesouro. Foi o Tesouro que primeiro nos encontrou. Não fomos nós que compramos o campo com nossos méritos; foi Cristo quem nos adquiriu pelo preço de seu Sangue. Não fomos nós que subimos sozinhos até Deus; foi Deus quem desceu até nossa pobreza, escondeu-se na humanidade, entregou-se na Cruz e permaneceu conosco na Eucaristia.

E Maria, Mãe do Carmelo, terá cumprido mais uma vez sua missão: não atrair para si o término de nossa caminhada, mas tomar-nos pela mão e conduzir-nos até Jesus, a Pérola de valor infinito, o Tesouro escondido, o Pão da vida e a Sabedoria eterna do Pai.

Que Nossa Senhora do Carmo de Garabandal nos obtenha o coração sábio pedido por Salomão; um coração que saiba reconhecer, sob os véus da humildade eucarística, a presença do Rei; um coração que venda alegremente tudo aquilo que não é Deus; um coração que não faça da mensagem uma curiosidade, mas um caminho de conversão; um coração que espere o futuro na fidelidade ao presente. E que, ao final de nossa vida, quando a rede for retirada do mar e tudo for colocado diante da verdade, possamos descobrir que o Tesouro que procurávamos nos esperava, todos os dias, escondido no campo silencioso do sacrário.

Da pequena Cidade de Maria, com orações e minha bênção sacerdotal +

*Pe. Viana*